

(pp. 159-178), onde nos dá conta da renovação de que têm sido alvo os estudos bizantinos, nomeadamente no que respeita às regras que um autor deve seguir para escrever nos diferentes géneros, aos elementos que configuram o tema da escrita e ao *homo byzantinus* “como creador, consumidor y sujeto de las obras literarias” (p. 178). Por outro lado, insiste também na necessidade de uma nova reinterpretação da historiografia bizantina, com base numa “síntesis entre el autor como individuo, los destinatarios de las obras y las personas como personajes de las mismas.”

Mayte Penelas, em “El historiador árabe ante las fuentes cristianas: las *Historias* de Orosio” (pp. 179-200), dá-nos uma interessante abordagem da forma como dois autores árabes muçulmanos utilizam uma tradução árabe da obra histórica de Orósio, a par de informações provenientes de outras fontes latinas. Penelas conclui, assim, após uma cuidadosa comparação dos textos, que a forma como cada um desses autores os trata depende do seu próprio método enquanto historiador e que poucas modificações foram efectuadas, para além da omissão de afirmações de carácter cristão, não partilhadas por um muçulmano.

O artigo de Ángel Galán Sánchez, “Historiadores, monarquía y propaganda a fines del siglo XV: la conversión al cristianismo de los granadinos” (pp. 201-236), que encerra o volume, detém-se na forma como, na época em questão, o programa de propaganda régia legitimou a acção dos Reis Católicos (a conquista de Granada e a conversão forçada dos granadinos, a luta contra o Islão e a expulsão dos judeus), apresentando-a como o modelo ideal de luta pelo cristianismo, mesmo quando isso implicou a manipulação da verdade.

Congratulamo-nos, assim, com a publicação deste volume, cujo objectivo nos parece ter sido plenamente conseguido, e esperamos por novos e frutíferos estudos.

RAQUEL TEIXEIRA FILIPE

Sébastien Ferran, *Ulisses, livro I, A Maldição de Posídon. Meribérica/Liber, Outubro de 2002.*

Em Outubro de 2002, chegou às livrarias nacionais a versão portuguesa do primeiro volume da trilogia *Ulisses*, uma banda desenhada para “pequenos e grandes” que pretende ser uma “adaptação livre da obra de Homero”, a *Odisseia*.

O volume em apreciação, tal como o próprio título indica, narra os perigos e adversidades que Posídon impôs ao herói durante a sua viagem de regresso a Ítaca, por ter ousado desafiar o deus dos mares. Logo nas páginas iniciais do livro, à maneira de uma introdução, o herói, que é simultaneamente o narrador, começa por situar o leitor na história. Evocando os acontecimentos que precipitaram a guerra de Tróia, refere a sua integração no exército dos Aqueus e a conseqüente partida de Ítaca: “Tudo começou quando Páris, príncipe da orgulhosa cidade de Tróia, raptou a bela Helena, mulher de Menelau, rei de Esparta. Para retomar aos Troianos a sua mulher, Menelau chamou os reis de todas as cidades gregas para combaterem a seu lado. Foi assim que eu, Ulisses, filho de Laertes e rei de Ítaca, embarquei para a

guerra...”. O herói informa ainda o leitor de que as hostilidades duraram cerca de “dez longos anos” e que as mesmas viriam a ter fim aquando do célebre estratagema do cavalo de Tróia, do qual, aliás, se diz o autor. Segundo o próprio herói, este episódio determinou “o fim da guerra de Tróia, e o começo da (minha) lenda...”, isto é, o início das aventuras que o tornaram famoso.

Apresentados os factos que antecederam o regresso de Ulisses a casa, já numa segunda parte do livro, que, na verdade, constitui o núcleo do volume, são narrados alguns dos episódios mais fantásticos e emocionantes da viagem. O primeiro diz respeito ao encontro do herói com Polifemo. Ulisses, com a ajuda dos seus companheiros, alcança a proeza de cegar o horrível Ciclope (pp. 6-18). Sendo Posídon pai do gigante, não será de estranhar que tal façanha tenha dado origem à cólera do deus dos mares. A maldição lançada então sobre o filho de Laertes constituirá o motor de toda a acção.

Condenado a “errar num mundo esquecido dos deuses e dos homens” (pp. 18-22), povoado de monstros e de criaturas terríveis e fantásticas, acaba por desembarcar no país dos Lotófagos (pp. 24-28), mais tarde, por encontrar-se com Éolo, o deus dos ventos, na fabulosa ilha de Eólia, depois, por enfrentar o terrível rei dos Lestrígonos, Antífates (44-47) e, finalmente, por desembarcar na ilha de Eeia, morada da feiticeira Circe. Com o objectivo de conseguir que a maga desfça o feitiço que entretanto transformara os seus companheiros em porcos, é obrigado a prometer-lhe a permanência naquela ilha pelo período de uma ano (pp. 48-54). O encontro com Circe encerra o conjunto de aventuras narradas neste volume.

Cotejando esta adaptação livre da obra de Homero com o original, é possível verificarmos que o argumentista, Sébastien Ferran, no que concerne à estruturação dos eventos que compõem a história, introduziu algumas alterações, tendo optado por uma sequência cronológica parcialmente diferente daquela que encontramos na *Odisseia*. De facto, na epopeia homérica, mais concretamente no Canto IX, Ulisses, recorrendo a uma extensa analepse, narra, em Esquéria, a pedido dos Feaces, as aventuras vividas com os Cícones, a seguir com os Lotófagos e, somente depois, com Polifemo.

O autor do volume em apreciação preferiu, no entanto, omitir o combate com os Cícones e inverter a ordem dos outros dois episódios. Assim, a preceder o encontro com o povo que se alimentava do lóvão, encontramos as aventuras vividas na terra dos Ciclopes (cf. pp. 6-28). Esta inversão da ordem dos acontecimentos terá obedecido a dois propósitos: justificar os sucessivos erros do herói com a cólera do deus dos mares, e, simultaneamente, fundamentar a atribuição do título *A Maldição de Posídon* a este primeiro volume. Relativamente a esta questão, há ainda a referir que, de acordo com a adaptação de Sébastien Ferran, a chegada de Ulisses e dos seus companheiros à terra dos Ciclopes dá-se na sequência de uma tempestade que, entretanto, se abatera sobre eles e os arrastara até à ilha dos gigantes (cf. pp. 4-6). Ora este facto contraria a versão original, já que, como acabámos de referir, o encontro com os Ciclopes sucede não uma tempestade, mas a partida atribulada e apressada do país dos Lotófagos.

Fruto da imaginação do argumentista terá sido a inclusão na narrativa de um encontro entre Ulisses e Posídon, que, em resposta imediata ao pedido de vingança por parte do filho, aparece, irado, ao rei de Ítaca, sacudindo as águas com o seu tridente e ameaçando o herói com terríveis palavras: “Como ousaste atacar o meu filho bem-amado, miserável humano? Para te castigar do teu sacrilégio, condeno-te a errar num mundo esquecido dos deuses e dos homens! Nunca mais voltarás a ver os teus! Nunca mais!” (cf. pp. 19-21). De acordo com o relato feito por Ulisses no Canto IX da epopeia de Homero, Polifemo terá efectivamente suplicado a Posídon que impedisse o filho de Laertes de rever a sua família, e o deus dos mares tê-lo-á ouvido. No entanto, não é referido nenhum encontro entre o herói e a divindade. O mesmo poderá dizer-se em relação ao encontro entre os deuses Éolo e Posídon (pp. 35-36), em que o deus dos mares censura o senhor dos ventos por ter não ter conseguido reter o herói na sua ilha. De facto, na *Odisseia*, não encontramos qualquer referência a tal diálogo. Éolo terá despedido Ulisses da sua ilha não porque Posídon lho tivesse expressamente ordenado, mas porque terá adivinhado que Ulisses era alvo de cólera divina, nada mais querendo ter a ver com ele.

No que diz respeito aos restantes episódios, isto é, às aventuras na ilha de Éolo, no país dos Lestrígones e na ilha de Circe, preferiu o argumentista manter a ordem pela qual os mesmos são narrados no Canto X da epopeia homérica, respeitando, deste modo, a fonte. Encontramos, todavia, alguns pormenores descritivos que diferem do original. Por exemplo, na p. 28, é referido que os companheiros de Ulisses terão perdido a memória e o desejo de regressarem a casa depois de inalarem o perfume da flor do lódão. Na verdade, de acordo com a fonte homérica, não terá sido a inalação do perfume desta flor, mas a ingestão do próprio fruto do lódão que terá desencadeado o desmemoramento dos companheiros de Ulisses. Basta, aliás, atendermos à etimologia da palavras *Lotófagos*¹, para percebermos que este povo se alimentava deste fruto.

Importa ainda referir o perpassar de uma misteriosa figura feminina ao longo de toda a narrativa. Logo na p. 7, a figura em questão, que aparece em sonhos ao protagonista, deixa a promessa de o assombrar todas as noites, até que se dê o encontro entre ambos. Mais tarde, novamente em sonhos, diz a Ulisses ser uma sombra do futuro e revela o seu anseio pelo dia em que serão reunidos ... “para sempre” (p. 23). Já no final do volume, terminado o relato das aventuras do herói, surge, mais uma vez, a manifestar o desejo de se encontrar com ele. Sem que o próprio Ulisses a ouça, deixa ao leitor a promessa de um encontro no futuro: “De qualquer forma, espero a tua vinda há tanto tempo, que bem posso esperar mais um ano, meu reizinho! Muito em breve serás meu!!” (p. 54).

Apesar de não existirem referências explícitas à identidade desta figura, depreendemos, pelas palavras proferidas, tratar-se de Calipso, “ninfa venerável, divina entre as deusas”, que, “no recôncavo das suas grutas, almejava tê-lo por

¹ A palavra Λωτοφάγοι, composta pelos vocábulos λωτός, -ο ‘lódão’ e φάγος, -ον ‘aquele(a) que se alimenta de’, à letra, significa ‘aqueles que se alimentam do lódão’.

esposo”². O argumentista optou, pois, por introduzir esta personagem no primeiro volume da trilogia, mas, ao mesmo tempo, terá preferido reservar para o segundo livro o encontro de Ulisses com a ninfa. Ao dosear habilmente a informação que avança relativamente a esta personagem, consegue o autor criar uma atmosfera de mistério à volta da mesma e, dessa forma, motivar o público para a leitura dos restantes dois volumes.

Também aqui, o argumentista adoptou uma sequência diferente para os factos narrados. Efectivamente, na *Odisseia*, a primeira referência a Calipso surge logo nos primeiros versos, quando a acção já se encontra *in medias res*, ou seja, coincidente não com o início da viagem de regresso do herói, mas com um momento mais adiantado dos acontecimentos e que corresponde àquele em que Ulisses já se encontrava cativo na gruta de Calipso³. Mais tarde, já no Canto V, o narrador refere que a ninfa, contra a sua vontade e depois de Hermes assim lho ter ordenado, acabaria por deixar partir aquele que amava. O herói, sob orientação daquela, construiu uma jangada, fez-se ao mar, mas acabou por naufragar e ir parar a Esquéria, o país dos Feaces. A chegada, porém, de Ulisses à ilha Ogígia e o tempo durante o qual esteve cativo na gruta de Calipso são recuperados pelo herói somente no Canto X, quando acede relatar aos seus hospedeiros a parte da viagem que havia ficado por narrar.

Nesta banda desenhada, preferiu adoptar o autor uma ordem temporal mais linear, sem anacronias. Prescindindo de lançar a narração *in medias res*, fez coincidir o início da mesma com a partida de Tróia e o começo da viagem de regresso à pátria. Sébastien Ferran terá sido sensível ao facto de a grande maioria dos leitores deste tipo de livros pertencer a uma faixa etária bastante jovem, não lhe interessando, por isso, adoptar a complexa estrutura narrativa da obra homérica. Note-se, no entanto, que as adaptações que acabámos de referir de forma alguma retiram mérito à obra, pelo contrário, revelam a criatividade e a mestria do argumentista.

Não obstante a originalidade que presidiu à concepção e elaboração desta banda desenhada, teve o autor o cuidado de manter algumas marcas da linguagem homérica, que facilmente nos transportam para o tempo dos aedos e dos rapsodos. Referimo-nos, por exemplo, ao recurso literário a epítetos homéricos, dos quais destacamos aquele que melhor caracteriza o herói, “Ulisses-das-mil-astúcias” (p. 1 da introdução e p. 52), e que encontra correspondência na tradução proposta por Maria Helena da Rocha Pereira — “o dos mil artificios” — para os vocábulos gregos que mais recorrentemente lhe são aplicados: πολυμητις e πολυμηχανος. Aludimos, igualmente, ao processo de apor ao nome das personagens informações importantes para a sua caracterização, como, por exemplo, relativamente a Ulisses, “filho de Laertes⁴ e rei de Ítaca” (p. 2 da introdução, p. 3, 49), ou, relativamente a

² Citamos a tradução proposta por Maria Helena da Rocha Pereira dos versos 14-15 do Canto I (*Hélade*: 45).

³ Quando a *Odisseia* principia, Ulisses encontrava-se ausente da pátria havia já vinte anos: passou dez anos na guerra de Tróia e outros tantos a errar.

⁴ ‘Filho de Laertes’ é a tradução do patronímico grego Λαερτιδης, -ου, recorrentemente utilizado por Homero quando se refere ao herói.

Helena, “mulher de Menelau, rei de Esparta” (p. 2 da introdução), ou ainda, relativamente a Hermes, “mensageiro dos deuses” (p. 49). A recriar a linguagem homérica, o recurso constante ao atributo para caracterizar as personagens ou os espaços. Por exemplo: “poderosa cidade de Tróia” (p. 1 da introd.), “bela helena” (p. 2 da introd.), “terna Penélope” (p. 2 da introd.), “orgulhosa cidade de Tróia” (p. 2 da introd.), “ignóbil Polifemo” (p. 11), “pequeno Telémaco” (p. 39), “poderoso Éolo” (p. 42), entre outros.

Apraz-nos, ainda, verificar o cuidado revelado, neste caso, pelo tradutor responsável pela versão portuguesa, na correcta tradução dos nomes próprios das personagens. Excepção feita para: “Ajax” (p. 3) por Ájax, “Eurílocos” (pp. 24, 47) por Euríloco, “Antípates” (pp. 45, 46) por Antífates e “Éa” (p. 50) por Eeia.

O livro em apreciação proporciona ao leitor o contacto com alguns aspectos marcantes da cultura grega. Um deles é a concepção antropomórfica dos deuses, que, à imagem do que acontece nos Poemas Homéricos, “se comportam e reagem como seres humanos superlativados”⁵. Relacionada com este aspecto, encontramos a figuração dos símbolos de que os deuses se faziam acompanhar, representativos dos poderes que lhes assistiam e das funções que lhes competiam. Veja-se, por exemplo, Posídon, senhor dos mares, que se desloca num carro puxado por animais monstruosos, híbridos de cavalo e de serpente, e se faz acompanhar do tridente com que domina as vagas e provoca tempestades (cf. pp.20-21 e 35-36). Veja-se também o mensageiro dos deuses, Hermes, que aparece calçado de sandálias aladas, com a cabeça coberta por um chapéu de abas largas (o pétaso) e segurando o caduceu, símbolo das suas funções de arauto divino⁶ (cf. p. 49). Por fim, há a referir a alusão recorrente à importância que o respeito pelas normas da hospitalidade assumiu em toda a Antiguidade grega. Tal torna-se evidente para o leitor sobretudo em dois momentos da narrativa. Primeiramente, quando Ulisses, depois de ter cegado Polifemo, dirige ao gigante estas palavras: “Ciclope! Medita agora no teu castigo! Eis o que Zeus te infligiu por teres impunemente devorado os teus hóspedes em tua casa!” (p. 17). Mais tarde, quando Éolo recebe o rei de Ítaca e os companheiros de forma muito hospitaleira. Pelo facto de os ter acolhido tão bem, o deus dos ventos conquista o respeito e a admiração daqueles que foram seus hóspedes durante um mês inteiro. (cf. pp. 30-34).

Esta banda desenhada, constituindo uma adaptação moderna da *Odisseia*, oferece-nos uma interpretação fiel mas também humorística da obra de Homero. Representativo de alguma comicidade é, por exemplo, o desabafo que Polifemo deixa escapar, aquando da decisão de devorar alguns dos companheiros de Ulisses: “Calharam bem, porque estava a ficar farto de borrego a todas as refeições!”. A leitura deste livro despertará no leitor — estamos certos disso — boa disposição de espírito, para o que em muito contribui a sua qualidade gráfica. Os caracteres, de dimensões significativas, são de fácil leitura, e os desenhos divertidíssimos!

⁵ Maria Helena da Rocha Pereira, *Estudos de História da Cultura Clássica, I Volume, Cultura Grega* (Lisboa 1987) 104-105.

⁶ A respeito dos símbolos de Hermes e de Posídon, vide Pierre Grimal, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, 389-391 e 224, respectivamente.

Menção especial para o Ciclope Polifemo, que tanto nos fez rir com os seus originais e modernos *piercings*! A policromia das vinhetas e o jogo de contrastes entre sombra/luz e grandeza/pequenez merecem igualmente ser referidos. A bestialidade das criaturas monstruosas e as dimensões extraordinárias do deus dos mares, contrastando com a aparente fragilidade de Ulisses, em vez de diminuírem o préstimo do herói, enfatizam o seu mérito e, simultaneamente, concorrem para a criação de algum *suspense*. A título de exemplo, veja-se a entrada do Ciclope Polifemo na caverna e o terror que provoca em Ulisses e nos seus companheiros, pp. 8-11, ou o intimidante encontro de Ulisses com Posídon, em pleno mar, pp. 19-22).

Do ponto de vista gráfico, apraz-nos ainda o facto de os acontecimentos resumidos na introdução do livro serem representados a negro, como sombras, sobre um fundo cor-de-laranja, a fazer lembrar o recurso cinematográfico a imagens a preto e branco para representar cenas do passado.

Por fim, uma breve referência à capa e contracapa do livro. Ambas põem em relevo a figura do herói que dá o nome à trilogia, quer pelas dimensões do título, *Ulisses. A Maldição de Posídon*, quer pelo colorido da ilustração.

Em jeito de conclusão, consideramos que iniciativa do autor é merecedora do nosso aplauso. Para gáudio dos “pequenos” — que descobrirão o herói lendário de forma divertida — e para satisfação dos “grandes” — que poderão reler com prazer as suas aventuras — resta-nos apenas fazer votos para que sejam publicados, muito em breve, os restantes volumes da trilogia.

EMÍLIA MARIA OLIVEIRA

Caballero de del Sastre, Elisabeth – Schniebs, Alicia (compiladoras). *La fides en Roma; Aproximaciones*. Universidad de Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras, 2001, 228 pp.

Los autores de este libro han hecho, sin duda, un trabajo serio. Los ocho estudios que reúne el volumen analizan, en un variado repertorio de textos, la presencia y el sentido de la *fides* y de otros términos propios de la esfera moral, todo a la luz de una muy reciente bibliografía. Las compiladoras, a cargo de la introducción, nos dan a conocer someramente las ideas esenciales de cada artículo. Esta orientación previa nos ayuda a nosotros, los lectores, y facilita nuestra búsqueda temática. *Fides* y comedia, valencia moral de la *fides* y consecuencias de su violación, el *foedus amoris* (aspecto particular de la *fides*), relación *fides-pietas*, la *fides* en su valor de “credibilidad”, la *fides* oratoria y la *fides orationis*, entendida como “la capacidad persuasiva de un discurso” son un amplio muestreo de un “concepto polifacético” —como dice la Introducción.

Muy interesantes son los dos primeros trabajos en torno de la comedia plautina. Si bien, como afirma Alba Romano, “el concepto de *fides* (...) parecería ajeno a la comedia que opera en un mundo ficticio en el cual, si no todos los valores, ciertamente la mayoría de los papeles están trastocados”, tanto ella como Marcela Suárez nos muestran su presencia (o su ausencia) fácilmente reconocible.